

Neblina dissipada



Quatro décadas após as primeiras tentativas de escalar o pico mais alto do Brasil, a *Mitsubishi Revista* alcança o cume de 3.014 metros nos confins da Amazônia e repete a façanha histórica do topógrafo Miranda Pombo

Por Décio Galina, de São Gabriel da Cachoeira
Fotos Araquém Alcântara

De repente, a voadeira de 7 metros desacelerou. O canto dos pássaros, aos poucos, se sobrepôs ao ronco da máquina de 15 cavalos e finalmente o motor de popa calou-se. Ficamos à deriva na subida do igarapé Iá Grande. O que aconteceu, meu Deus? No leme da embarcação, Aldair Brás Gonçalves, de 31 anos, o Negão, levanta o motor, faz cara de desgrça e constata o óbvio: “A hélice caiu!”. Notícia nada, nada agradável, ainda mais com o sol das 11h30 do noroeste do Amazonas confundindo as idéias. De carona no barco, a ianomâmi Amália e um garoto da tribo carregam carne defumada de paca e tatu. Eles acenam para uma embarcação mais lenta, que logo nos alcança e nos reboca rumo à margem, próxima de uma pequena aldeia. A expedição de 10 dias floresta adentro, com o objetivo de alcançar os 3.014 metros de altitude do pico da Neblina, parece afundar logo na terceira hora do primeiro dia. A hélice reserva não funcionou e ainda restava um dia e meio de navegação até a Boca do Tucano, local onde começaria a caminhada. Em bom português: estávamos fritos. Nesse momento de pura desilusão, eis que surge da mata, a passos bem lentos, vestindo apenas shorts, o velho índio Manuel. O inesquecível índio Manuel. ►

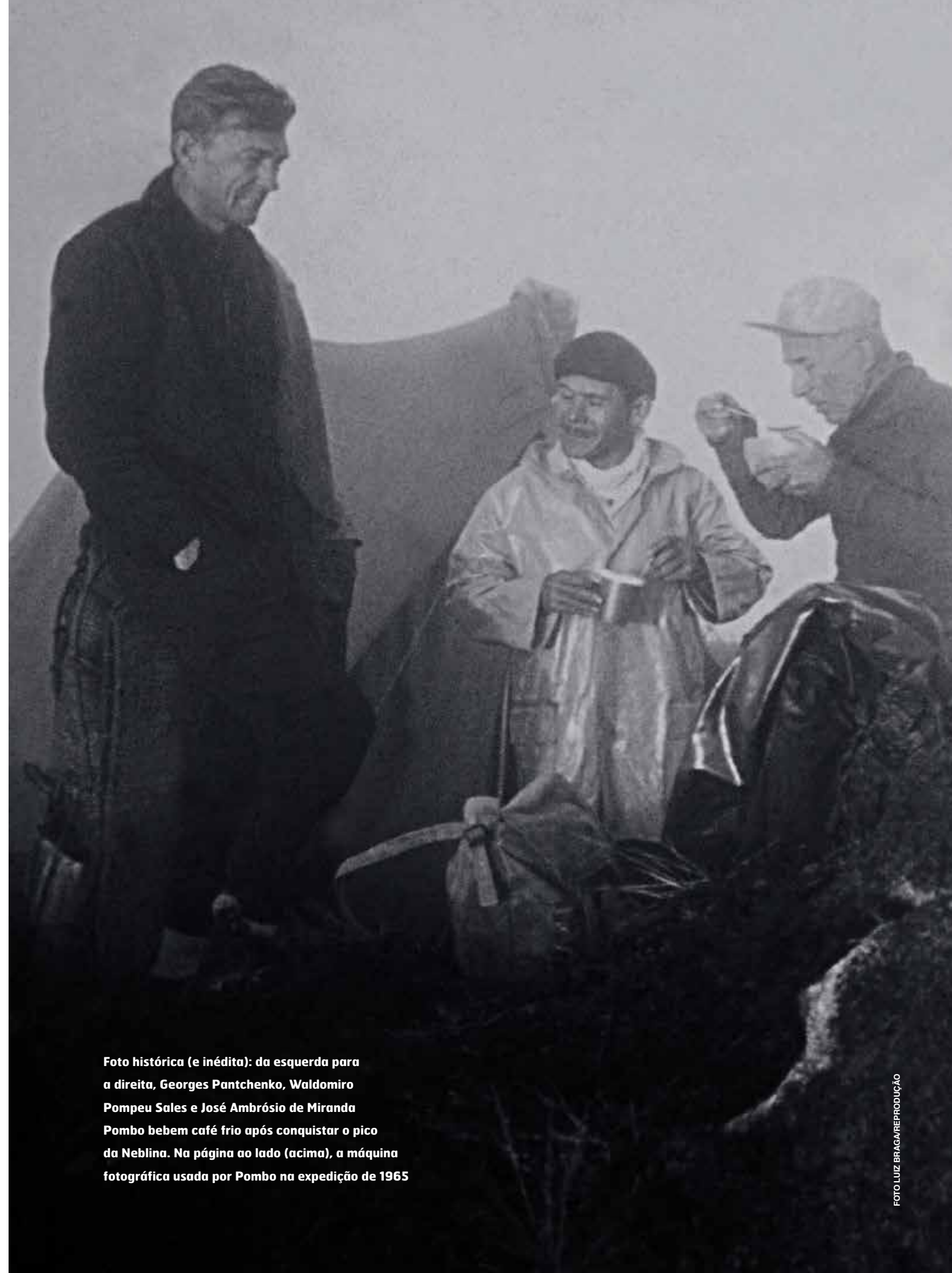


Foto histórica (e inédita): da esquerda para a direita, Georges Pantchenko, Waldomiro Pompeu Sales e José Ambrósio de Miranda Pombo bebem café frio após conquistar o pico da Neblina. Na página ao lado (acima), a máquina fotográfica usada por Pombo na expedição de 1965



Se encarar esse desafio em fevereiro de 2004 foi uma aventura para toda a vida, o que dizer da tarefa dos pioneiros da década de 60? À época, Brasil e Venezuela disputavam a região fronteira com unhas e dentes. A bordo de um avião da Força Aérea Brasileira, o general Ernesto Bandeira Coelho (1899-1989), chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, realizou um voo de cinco horas em 22 de outubro de 1962 e constatou que o pico estava em nosso território. A reportagem da *Mitsubishi Revista* teve acesso ao documento de 23 de novembro de 1962 onde Bandeira Coelho comunica o sucesso do reconhecimento aéreo ao Itamaraty, mais precisamente ao embaixador João Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*. No item 2 do documento, o general menciona que à “assoberbadora presença de um pico, chamado Pico da Neblina (...), parece vir a caber o galardão de ponto mais alto do Brasil”. Antes de receber o nome graças à insistente névoa no cume, a montanha chamava-se Phelps, topônimo concedido por uma expedição norte-americana realizada em solo venezuelano em 1958.

“Um cara de fibra”

Com o intuito de encerrar de vez a discussão com a Venezuela a respeito do pico, Bandeira Coelho decidiu atacar o cume por terra. Pôs o auxiliar técnico da Comissão de Limites, Dilermando de Moraes Mendes, na chefia de duas expedições a “uma das mais ásperas regiões da fronteira”. As duas fracassaram — não chegaram nem à base da montanha. Bandeira Coelho mudou de tática. Convocou o topógrafo aposentado José Ambrósio de Miranda Pombo (1900-1990), então com 65 anos, para liderar a terceira tentativa. Famoso pela determinação inabalável, o parisiense Pombo se credenciou ao desafio máximo após concluir a missão de demarcar a fronteira com a Guiana Francesa. “Meu pai era um cara de fibra”, revela Carmem Silvia Pombo Tocantins, a filha do meio dos três de Miranda Pombo. “Quando ele metia uma coisa na cabeça, fazia a qualquer custo.” E com o pico da Neblina não foi diferente.

Quarenta anos depois das primeiras tentativas frustradas de escalar o topo do país, lá estávamos nós, aguardando o veredicto final do índio Manuel. Negão contou toda a novela da

hélice perdida e pediu o motor do ianomâmi emprestado. Os segundos de espera pela resposta do índio duraram uma eternidade — a cena parecia acontecer em câmara lenta. Finalmente, como uma bênção, o sorriso de Manuel antecipou o “sim, pode levar o motor” que ressuscitaria a jornada. O pedido só foi aceito porque quem liderava a expedição da *Mitsubishi Revista* era justamente Negão — respeitadíssimo entre índios, caboclos e autoridades da região. Com cerca de 40 ascensões ao cume, talvez ele seja o recordista no pico da Neblina. Filho de Luiz Martins Gonçalves, funcionário mais antigo do Ibama de São Gabriel da Cachoeira (a 3 horas de voo de Manaus), Negão cresceu às margens do rio Negro. Brincou nas praias de areia branca nos períodos de seca e sempre teve a mata fechada como quintal. Anos mais tarde, aprendeu as manhas da sobrevivência na floresta na melhor das “escolas” do Exército: 5ª BIS (Batalhão de Infantaria da Selva). Atualmente, quando não está envolvido em uma expedição, Negão atua de zagueiro central no Juventude, tricampeão amador de São Gabriel da Cachoeira. “O pico da Neblina não é para o mais forte, nem para o mais fraco”, ensina o mestre, que não é de falar muito. “É para quem tem opinião.”

Assim que o motor foi substituído e o barco voltou a ter vida, não resisti a alguns berros de felicidade — muitos, para ser sincero. O amigo Manuel foi ficando pequeno na paisagem, enquanto a embarcação ganhava velocidade rumo à Pedra, apelido do posto de fiscalização da Funai, às margens do rio Cauaburi, logo na saída do Iá Grande. Sob as palmeiras de açaizeiros e entre pés de cupuaçu, passaríamos a primeira noite longe de tudo. O dia de início tenso terminou com uma relaxante hidromassagem contra a correnteza que molda as pedras em frente ao posto. Durante o banho de rio, na margem oposta, um boto deu o ar da graça. Parceiro de Negão no staff da expedição e responsável pelas refeições, o guia paraense Carlos Ednor Leão, de 31 anos, o ►



Na página ao lado, índia ianomâmi no Parque Nacional do Pico da Neblina. Abaixo, um momento raro: onça negra mostra a cara no rio Cauaburi





FOTO LUJ BRAGARREPRODUÇÃO

Pepe, preparou um senhor arroz com frango para o jantar à luz de velas e da Lua. No cardápio do segundo dia, curvas e mais curvas subindo o Cauaburi em oito horas de navegação — sem nenhum problema na hélice! Sobre os paredões verdes nas margens, vez ou outra, surgia uma serra no horizonte, como as do Padre e do Baruri.

Brizola, Domingos Chorão, Paraná Pernetá...

A cada nova curva, aumentava a chance de topar com antas, preguiças, lontras e até com espécies mais raras, como a onça negra. Uma dessas cruzou o caminho do fotógrafo Araquém Alcântara, que não perdoou: apoiou a teleobjetiva 400 mm no monopé, mirou e disparou no ato. Acertou em cheio. “Eu estava no barco e vi de longe um animal preto atravessando o Cauaburi”, descreve Araquém, que alcançou o pico da Neblina duas vezes — em dezembro de 1996 e outubro de 2002. “Antes de nos aproximarmos do bicho, pensei que fosse um macaco, não uma onça negra.” Araquém fala com emoção das experiências no pico. “Percorri todos os parques nacionais do Brasil durante nove anos e deixei o Neblina por último justamente por considerá-lo um ícone.”

Algumas lembranças, porém, são dramáticas. “Quando descíamos o pico na segunda expedição, uma tempestade extraordinária nos pegou em um trecho íngreme, cheio de pedras”, recorda o fotógrafo. “A chuva criou uma corredeira perigosa. Meu amigo escorregou em uma bromélia e quase o perdemos na enxurrada.” Nem bem se recuperaram, e tome outro susto: um ianomâmi da expedição cai, luxa o joelho e torce o tornozelo. “Só conseguimos resgatá-lo porque o garimpeiro Brizola nos ajudou”, conclui Araquém. Histórias de garimpeiros, aliás, são o que não faltam no folclore e no cotidiano dos caminhos que serpenteiam pelas serras da região. Basta dizer que a atual trilha usada para atingir o cume do Neblina — um verdadeiro atalho se comparada às antigas — foi aberta pelo garimpeiro Domingos Chorão. A fama de Paraná Pernetá também corre por aqueles mundos: mesmo com a perna direita atrofiada, esse garimpeiro sobe nas árvores mais altas, analisa as condições meteorológicas das redondezas e sempre toma o rumo correto. “Ele não se perde nem em áreas desconhecidas”, garante Negão. ►



À esquerda, imagem de 1965 mostra a dificuldade da escalada enfrentada pelos pioneiros — hoje existem cordas fixas nos pontos mais íngremes da montanha. À direita, quatro momentos da aventura: Negão (em pé) e Pepe no barco (1); cobra-espada, espécie que se alimenta de sapos, dá um susto no meio da trilha (2); a neblina descobre a face do pico — dez minutos depois já estava tudo coberto de novo (3); o pôr do sol da perspectiva do ponto mais alto do Brasil. Para apreciar tal vista é necessário dormir no topo do pico da Neblina — o tempo abre apenas no amanhecer e no entardecer (4)



FOTO DÉCIO GALINA



FOTO DÉCIO GALINA



FOTO DÉCIO GALINA

1 2
3 4



FOTO ALDAIR BRÁS GONÇALVES



À esquerda, missão cumprida: nosso repórter desfralda a bandeira da Mitsubishi Motors no cume de 3.014 metros. À direita, garimpeiros atravessam campo de bromélias

Restos de ontem

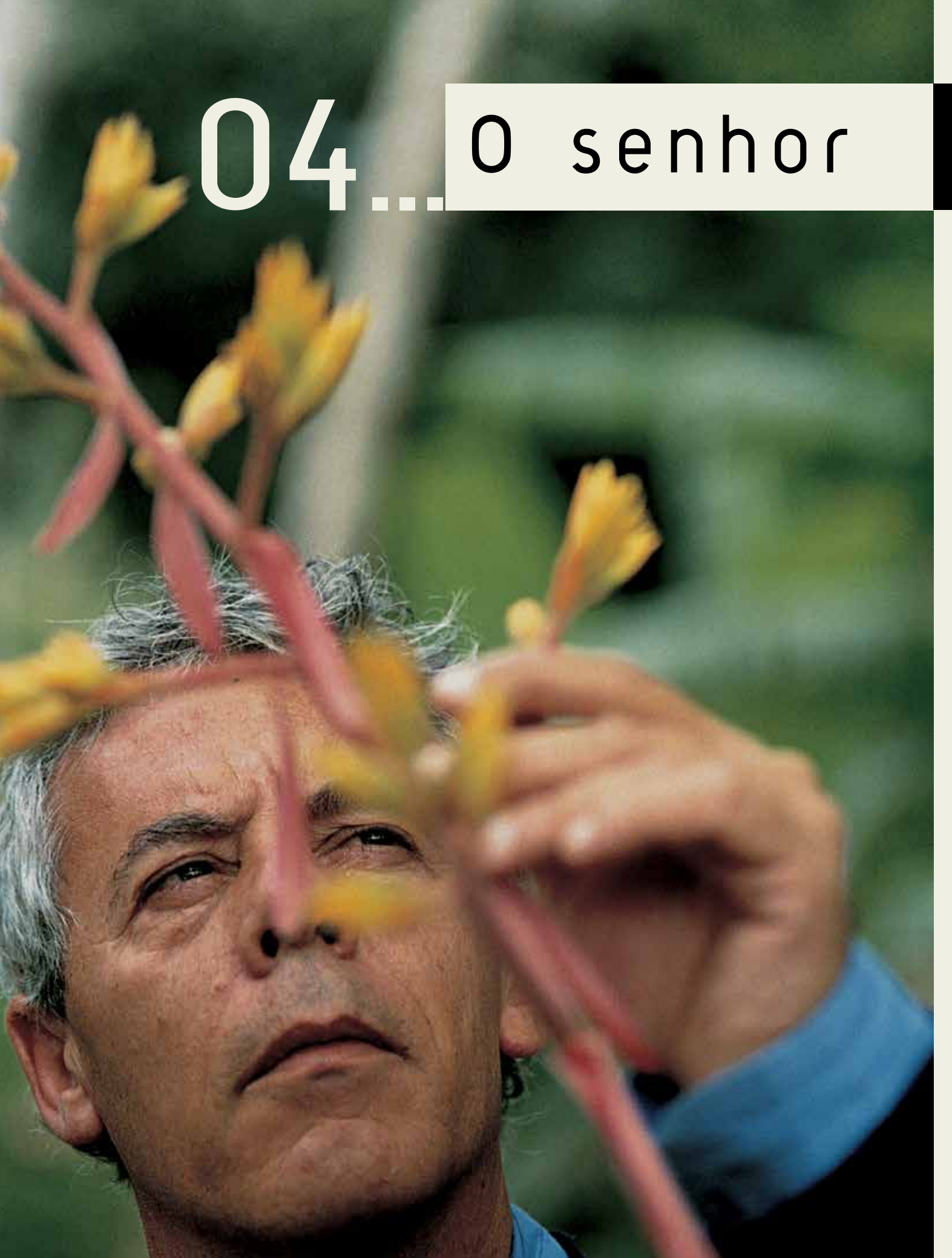
A conquista do pico da Neblina em março de 1965 começa a ser desenhada em dezembro de 1964, quando Dilermando de Moraes Mendes deixa Belém chefiando uma tropa de 50 homens. No dia 5 de fevereiro de 65, Miranda Pombo parte com destino à base de Tapuruquara, no rio Negro, onde um mês depois assume o comando da expedição. Problemas no abastecimento de água e de comida reduzem o grupo que parte ao ataque da montanha. Em entrevista ao jornal *O Liberal*, publicada em 1978, Miranda Pombo narra as dificuldades da subida. “Foram 12 horas de escalada até o pico 31 de Março (o segundo ponto mais alto do Brasil, com 2.992 metros) sem qualquer material de alpinismo. Nossas únicas ferramentas eram braços, pernas e garra.” Na etapa final, rumo ao Neblina, o desgaste foi ainda maior. Restaram apenas três bravos: Miranda Pombo, Waldomiro Pompeu Sales e o venezuelano Georges Pantchenko. Fisicamente debilitado, o trio sofreu com o frio de 3 °C em mais 12 horas de esforço máximo. Atingiram o objetivo, mediram os 3.014 metros do Neblina, fincaram uma placa na rocha e comemoraram com café ralo e frio. “Meu pai sentiu muito orgulho do que fez, mas nunca quis os louros da vitória”, conta a filha Carmem, chateada com a falta de reconhecimento dos feitos de Miranda Pombo.

Enquanto esses heróis levaram meses de preparativos e de deslocamentos até conquistar o píncaro do Brasil, a expedição da *Mitsubishi Revista* necessitou de quatro dias de caminhada duríssima a partir do acampamento da Boca do Tucano — ponto final do trecho de barco. A aventura — que começou em São Gabriel da Cachoeira, passou por duas horas de estrada de terra (BR-307) e dois dias de rio — chegava ao momento decisivo. Na trilha mais inóspita do país, cada passo exige concentração total. Um pé torcido, uma bobeira qualquer e adeus pico — a fragilidade humana frente ao poder da selva fica martelando na mente o tempo todo. Imprimimos um ritmo forte de cerca de seis horas de perna por dia, com pausas de 10 minutos a cada hora. O terceiro e quarto dias são bem mais difíceis do que os dois primeiros, em que o terreno é menos acidentado e menos íngreme. Para repor as energias durante o trekking, atacávamos o bom e velho R. O. (abreviação de “resto de ontem”), comida feita no dia anterior e conservada na panela de pressão. À noite, estirado na rede, morto de cansaço, difícil era abstrair o concerto de sapos e cigarras, sem falar no festival de insetos. Mas, claro, nada disso importou quando vi a bandeira brasileira tremulando a alguns metros sobre minha cabeça. Não havia mais para onde subir. Eu estava no topo.



A EXPEDIÇÃO DA MITSUBISHI REVISTA VIAJOU **GOL**





04...0 senhor